

*Nascentes***GÊNERO E AUTORIA NO PREFÁCIO DO
*EPÍTOME DAS HISTÓRIAS FILÍPICAS DE POMPEIO TROGO****Jéssica Frutuoso Mello***Charlene Martins Mioti***

RESUMO: A abreviação de diferentes obras foi uma prática que atravessou o mundo antigo grego e latino, suprimindo necessidades diversas. Entretanto, a recepção dos trabalhos produzidos por essa prática tem variado, já que, durante muito tempo, considerou-se que sua importância seria secundária em comparação com aqueles que lhes serviram de fonte, muitas vezes perdidos. A partir da leitura do prefácio do *Epítome das Histórias Filípicas de Pompeio Trogo*, propõem-se considerações sobre sua configuração enquanto uma abreviação e suas consequências para a identificação do trabalho de Justino como autoral.

PALAVRAS-CHAVE: Autoria; Epítome; Justino; *Histórias Filípicas*; Pompeio Trogo.

Introdução

No início do prefácio do *Epítome das Histórias Filípicas de Pompeio Trogo*, Justino informa que Trogo, um homem de notável eloquência, em um ato de grande audácia, decidiu reunir a história dos grandes reis e nações, organizada em encadeamento cronológico, em quarenta e quatro livros. Infelizmente, pouco resta da obra de Trogo para além dos testemunhos de outros autores, dentre os quais Justino se insere, já que também afirma que se dedicara, em um momento de ócio, a escolher os trechos das *Histórias Filípicas* que eram mais dignos ao conhecimento e ao modelo, realizando, então, um trabalho de compilação da obra.

O momento em que Justino se dedica à produção do *Epítome* é envolto em mistério. Uma referência de Jerônimo, em seu *Comentário a Daniel*¹, permite apenas que se considere

* Doutoranda em Letras: Estudos Literários pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Mestre em Estudos Literários pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp - FCLAr).

** Doutora em Linguística pela Universidade de Campinas (Unicamp). Professora associada de língua e literatura latinas na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), atuando no Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários.

¹ “Para compreender a parte final de Daniel, é necessária a vasta historiografia dos gregos: Sutorio (naturalmente Calínico), Diodoro, Jerônimo, Posidônio, Claudio Téon e Andrônico, de sobrenome Alípio, aos quais também Porfírio disse haver seguido; e também a Josefo e aqueles aos quais cita, particularmente a nosso Lívio, a Pompeio Trogo e a Justino, todos os quais narram a história correspondente à última visão” (Hier., *In Dan.*, PL 25 494A. Trad. L. C. Maluf); “*Ad intelligendas autem extremas partes Danielis, multiplex Graecorum historia necessaria est: Sutorii videlicet Callinici, Diodori, Hieronymi, Polybii, Posidonii, Claudii Theonis et Andronyci cognomento Alipii, quos et*

uma data limite para sua escrita no início do século V da Era Comum, o que faz com que sua datação tenha sido tema de debate, variando de meados do século II EC ao período de Jerônimo, de acordo com os critérios para ela utilizados, como o estudo da linguagem (YARDLEY, 1994, n.p.) ou o possível interesse do público pela matéria abordada (ARNAUD-LINDET, 2003, n.p.). De modo geral, entretanto, a datação mais amplamente aceita, segundo José Castro Sánchez (2008, p. 9) e Alice Borgna (2014, p. 65-6), tem sido a do final do século II, início do III EC.

Quanto à figura do autor, há algum consenso apenas a respeito de parte de seu nome – Justino –, dada a variabilidade de formas que aparecem na tradição dos manuscritos², enquanto mesmo aquela mais aceita quanto a seu *cognomen* gera dúvidas se o exato seria Justino Juniano ou Juniano. Por esse motivo, opta-se, ao longo deste texto, conforme a tradição de estudos a seu respeito, por se referir ao autor apenas como Justino.

Já em relação ao *Epítome*, este é composto pelo prefácio acrescido por um número de livros igual ao de Trogo. Comumente, as edições modernas do *Epítome*, seguindo o que ocorre em alguns manuscritos, acompanham os quarenta e quatro prólogos que também teriam sido realizados a partir do texto de Trogo, permitindo que se tenha alguma ideia a respeito daquilo que era abordado por ele, e o que foi omitido por Justino ao longo de sua obra. Assim, somam-se, em uma única edição, dois exemplos dos modos por que uma obra poderia passar por um processo de abreviação, já que as *Histórias Filípicas* legaram tanto os prólogos que sumarizam seu conteúdo, provavelmente, para um acesso mais fácil às informações abordadas nos diferentes livros de uma obra tão extensa, e o *Epítome* de Justino.

O rótulo de epítome

Conforme apontam Marietta Horster e Christiane Reitz (2010, p. 9), a prática de abreviação atravessa o mundo antigo grego e latino, abrangendo obras de diversas temáticas, servindo a propósitos específicos e recebendo nomes variados. Como há uma inconsistência no uso desses nomes³, a diferenciação entre os gêneros de abreviação é difícil, de modo que se torna comum classificar uma obra simplesmente como *epítome auctoris* (epítome de um autor), que trata de uma única obra de um determinado autor – como faz Justino –, ou *epítome rei tractatae* (epítome de um assunto discutido), que compreende o compilado de múltiplos

Porphyrius secutum esse se dicit, Iosephi quoque et eorum quos ponit Iosephus, praecipueque nostri Linii, et Pompei Trogi, atque Iustini, qui omnem extremae uisionis narrant historiam.”

² Há ocorrência de *Iustinus Frontinus*, *M. Iunianus Iustus*, *M. Iunian(i)us Iustinus* ou apenas *Iustinus*.

³ As autoras destacam, por exemplo, o uso de *breviarium*, *liber breuiatus*, *epítome*, *ekloge*, *periocha*, *encheiridion* e *synagoge* (HORSTER; REITZ, 2010, p. 8).

autores acerca de um mesmo tópico (HORSTER; REITZ, 2010, p. 8) – como a *Coleção Matemática*⁴ de Papo de Alexandria. Mesmo assim, é relevante que se considere distinções entre as obras a partir da análise de certos critérios, como temática, autoria, datação, objetivos e público-leitor a que o texto foi intentado originalmente, para que se possa refletir se há, de fato, técnicas próprias pelas quais é realizado o processo de abreviação, conforme cada obra se insere em determinado gênero (HORSTER; REITZ, 2010, p. 8-10).

Mesmo que a identificação de alguns desses critérios possa ser desafiadora pela dificuldade de acesso a essas informações – como no caso de Justino, em que sua datação é nebulosa –, considera-se que a definição de um gênero é um aspecto relevante para ser discutido. Segundo Gerárd Genette (2010 [1982], p. 17), mesmo que um texto não explicita seu gênero, a sua determinação acaba por ser apontada pelo leitor, um procedimento que é importante, pois, ainda que não seja uma questão encerrada, sendo possível que se tenha flutuações entre uma classificação e outra, “[...] sabe-se que a percepção do gênero em larga medida orienta e determina o ‘horizonte de expectativa’ do leitor e, portanto, da leitura da obra” (GENETTE, 2010 [1982], p. 17). A proposição do estudioso vai ao encontro do texto de Justino, visto que, embora a discussão sobre sua classificação como epítome seja razoável, sua leitura enquanto tal tem influenciado sua recepção e os estudos dela derivados.

Na entrada a respeito do gênero em *The Oxford Classical Dictionary* (CARY *et al.*, 1953, p. 334), ao se tratar, especificamente, dele em Roma, propõe-se que o epítome teria florescido a partir de uma “letargia mental” (“*mental lethargy*”) que teria ocorrido no período tardio – em que Justino se inseriria, independentemente do século em que tenha escrito –, a qual favoreceria o interesse pela leitura de obras mais curtas. Além disso, a prática de epitomização é apontada como uma ameaça à sobrevivência das obras que lhe servem como base, sendo, inclusive, utilizado como exemplo para tal o texto de Justino, ainda que se indique que nem sempre a suposta substituição ocorra, como os textos de Vitruvius e de seu abreviador, Faventino, testemunham. Cabe destacar que a abreviação, a nosso ver, não deveria ser reduzida apenas à consequência de uma suposta letargia mental, uma vez que, como apresentam Horster e Reitz (2010, p. 9), atendia a diferentes objetivos, como o uso pessoal para fins literários, e estava presente em diversos momentos históricos.

De todo modo, como é um texto que parte de outro, o epítome foi visto, durante muito tempo, como algo de valor secundário, cujo interesse estava no rastreamento dos vestígios das fontes, muitas vezes perdidas, enquanto as especificidades que caracterizariam o

⁴ *Συναγωγὴ* (*Synagogē*).

gênero, assim como a individualidade das obras, eram ignoradas, deixadas em segundo plano ou, quando analisadas, utilizadas de modo generalizante, uma vez que as conclusões de estudos de caso eram tomadas de maneira dedutiva para a realização de definições mais gerais (HORSTER; REITZ, 2010, p. 6-7).

A indicação da obra de Justino enquanto um epítome ocorre de modo inequívoco na tradição de seus manuscritos, conforme apresenta Marie-Pierre Arnaud-Lindet (2003, n.p.). Além disso, Justino traz algumas informações sobre a produção de sua obra em seu prefácio, o que poderia corroborar a classificação, já que os paratextos costumam incorporar informações ligadas ao domínio da localização genérica (GENETTE, 2010 [1982], p. 22). Entretanto, não há, nele, uma correspondência exata ao rótulo dos diferentes títulos presentes nos manuscritos⁵, ainda que Justino deixe claro que abrevia a obra histórica de Trogo.

As construções do prefácio de Justino

O prefácio de Justino⁶ apresenta um tom epistolar, dirigido a um destinatário não identificado a quem a obra seria, supostamente, enviada, para que ele pudesse corrigi-la⁷. Após um primeiro momento em que louva a empreitada audaciosa de Trogo⁸, o autor passa a detalhar seu próprio trabalho. Observe-se o trecho:

4. Então, destes quarenta e quatro volumes – com efeito, [Pompeio Trogo] publicou esse número – escolhi de cada um, durante o ócio que estávamos vivendo na cidade, os fatos mais dignos ao conhecimento e, deixados de lado esses que não eram necessários conhecer nem por boa vontade, nem pelo exemplo, fiz por assim dizer uma breve antologia, de maneira que os que tivessem estudado em

⁵ Arnaud-Lindet (2003, n.p.) apresenta um quadro com as quatro formas de títulos presentes nos manuscritos e as tradições a que se ligam. Tal como constam em seu estudo, esses títulos são: *pompei trogi epitoma historiarum liber XLIII*; *pompei trogi liber...* Ø Justin, Ø epitoma; *m. iuniani. iustini. epithoma historiarum liber...*; e *iuniani iustini epithoma historiarum liber...*

⁶ As traduções dos textos em língua estrangeira são de nossa responsabilidade, a menos que expresse o contrário. O texto utilizado como fonte para a tradução de Justino e aqui citado é aquele estabelecido por Arnaud-Lindet (JUSTINUS, 2003).

⁷ “5. E enviei para ti, não tanto com a intenção de que o conheça melhor, quanto de que o corrija; ao mesmo tempo para que, junto de ti, estivesse segura a razão de meu ócio, cujo trabalho, como supõe Catão, merece recompensa.” (Just., *Prae.* 5); “5. *Quod ad te non cognoscendi magis quam emendandi causa transmisi, simul ut otii mei, cuius et Cato reddendam operam putat, apud te ratio constaret.*”

⁸ “[...] Pompeio Trogo, um homem de eloquência venerável, ou atraído pela variedade e a novidade do trabalho, ou mesmo pela emulação da glória, organizou as histórias gregas e do mundo todo em língua latina, de maneira que, já que a nossa história pode ser lida em língua grega, a grega também pudesse ser lida em nossa língua: sem dúvida, empreendeu uma obra de grande ânimo e corpo!” (Just., *Prae.* 1); “[...] *seu aemulatione gloriae sine uarietate et nouitate operis delectatus uir priscae eloquentiae, Trogus Pompeius, Graecas et totius orbis historias Latino sermone composuit, ut, cum nostra Graece, Graeca quoque nostra lingua legi possent: prorsus rem magni et animi et corporis adgressus!*”

grego, tivessem onde se lembrar, e os que não tivessem estudado, onde se instruir.⁹ (Just., Prae. 4).

A construção dessa passagem é relevante, visto que, conforme Horster e Reitz (2010, p. 9), a indicação, pelo próprio autor, de um motivo e de uma intenção para uma obra abreviada é uma raridade, mas, quando presentes, revelam a consciência de suas intenções literárias e da dinâmica de uma nova forma.

Embora estudiosos, como Borgna (2014, p. 62), considerem que o interesse primário de Justino não fosse historiográfico, indicando, por exemplo, a omissão dos epítetos dos soberanos, os quais, segundo os prólogos, estavam presentes na obra de Trogo, o prefácio de Justino contribui, em contrapartida, para situar o *Epítome* enquanto obra de caráter histórico. Conforme aponta Paulo Sérgio de Vasconcellos (1999, p. 81-2), um autor pode se filiar a uma tradição, a partir da forma e do tema de seu texto, ao trabalhar com uma temática que é considerada típica de determinado gênero e seguir as regras que pertencem à determinada tradição. Neste passo, Vasconcellos (1999) se refere especificamente ao trabalho dos poetas, entretanto, em contexto prosaico, a construção do prefácio do *Epítome* opera de modo semelhante.

Segundo Jackie Elliott (2018, p. 114), a menção a Catão¹⁰, ao final do prefácio, demonstraria outro modelo historiográfico seguido por Justino em oposição a Trogo, ao mesmo tempo que é o trecho em que fica claro, pela leitura, que o texto introdutório tem caráter epistolar e é dirigido a um leitor específico, ainda que não identificado. A abertura da obra com uma epístola – prática incomum em comparação com outros epítomes – localiza o texto de Justino em uma longa tradição de historiadores romanos, como Célio Antípatro, Sula e Ático, que dedicaram suas obras a leitores determinados (ELLIOTT, 2018, p. 114-6). Provavelmente, a falta de indicação de um nome para o destinatário da obra assinala que o prefácio se trata de um exercício de retórica (ELLIOTT, 2018, p. 119), mas funciona igualmente para localizar a obra em um horizonte de expectativa do leitor, já que opera de acordo com os modelos das obras historiográficas, ainda que não sejam epítomes.

De qualquer forma, um aspecto que deriva da classificação da obra de Justino como um epítome é que, durante muito tempo, houve o questionamento de sua condição de autor, conforme aparece na introdução de John Watson (1876), na qual, já em sua primeira linha, considera que Justino não teria essa posição, sendo apenas um abreviador, como se um

⁹ “4. Horum igitur quattuor et quadraginta uoluminum – nam totidem edidit –, per otium quo in Vrbe uersabamur, cognitione quaeque dignissima excerpsi, et omissis his, quae nec cognoscendi uoluptate incunda nec exemplo erant necessaria, breue ueluti florum corpusculum feci ut haberent et qui Graece didicissent, quo admonerentur, et qui non didicissent, quo instruerentur.”

¹⁰ Cf. nota 7.

trabalho anulasse o outro: “Como Justino não é propriamente um autor, mas um abreviador, nós devemos dedicar nossa atenção, primeiro, para o escritor que ele abreviou.”¹¹ (WATSON, 1876, p. V).

Em seu prefácio, Justino demonstra a derivação do *Epítome* a partir da obra de Pompeio Trogo com um louvor a este, contudo, esse louvor a Trogo e às suas *Histórias Filípicas* parece atuar como uma demonstração da qualidade da fonte de seu texto, rendendo-lhe, assim, autoridade, mas não há um encaminhamento direto do público à sua leitura, já que Justino espera que mesmo os que não conhecem os fatos narrados leiam a sua versão, o que seria indício de independência de sua obra em relação à de Trogo.

Assim, ainda que Justino tenha se dedicado à prática de abreviação, não se pode negar que haja uma construção de autoria, em sua obra, para o texto abreviado. Segundo Patrícia Prata (2017), ao discutir as proposições de Foucault sobre a noção de autor: “[...] o autor é construído a partir dos textos que lhe são atribuídos (então, o autor é posterior a sua obra). Finalmente, a função autor não nos remete a um ser real, mas a posições de sujeito que diferentes indivíduos podem ocupar.” (PRATA, 2017, p. 141). Essa proposta é relevante ao se considerar que, assim como é comum com autores da Antiguidade, pouco se sabe a respeito da vida de Justino, e as hipóteses que se apresentam – como a possibilidade de que ele tenha sido um professor de retórica (YARDLEY, 2003, p. 5) – ocorrem a partir de seu texto. Desse modo, pode-se considerar que negar um tal *status* a Justino é ignorar a *persona auctoris* que se constrói pelo texto.

Elliott (2018, p. 111) aponta que, no lugar de se esconder, como faz o abreviador da obra de Tito Lívio, no prefácio do *Epítome* se constrói uma *persona* para Justino em oposição à de Trogo. Essa construção se manifesta, principalmente, pela utilização da primeira pessoa¹², que demarca seu controle sobre o texto de Trogo (ELLIOTT, 2018, p. 112). Por conseguinte, o autor do epítome subordina a existência de sua obra a uma anterior, todavia, essa relação ocorre ao mesmo tempo em que Justino submete sua fonte à sua vontade, apresentando apenas aquilo que interessa a si e a seu público (ELLIOTT, 2018, p. 109). Esse controle sobre a obra de Trogo também aparece além do prefácio, já que Justino, em outros trechos

¹¹ “As Justin is not properly an author, but an abridger, we shall first give our attention to the writer whom he abridged.” (WATSON, 1876, p. V).

¹² Conforme aponta Elliott (2018, p. 113), a primeira pessoa aparece em: *uersabamur, excerpsi, feci, transmissi, mei e mihi* (Just., *Prae.* 4-6). Os trechos em que estão inseridos podem ser observados nas notas 9, 7 e 17, respectivamente. Yardley (1997, p. 9) propõe que a utilização da primeira pessoa do plural no primeiro exemplo pode ser significativa, devido à sua ocorrência única em oposição ao singular das demais, e indicar que Justino chegara a Roma acompanhado. Elliott (2018, p. 118), por outro lado, considera que esse uso seria uma forma de Justino buscar a afetação das cartas de Cícero e contribui para que se diferencie sua *persona* social da historiográfica, presente nas formas do singular.

de sua narrativa, utiliza a primeira pessoa¹³, se refere a Trogo, aprecia seu estilo¹⁴ e costuma retomar com seus leitores questões já abordadas anteriormente¹⁵.

O autor deixa claro que teria feito um processo de seleção (*excerpsi*), cujo critério está naquilo que ele considera como relevante para ser conhecido (*cognitione quaeque dignissima*), ainda que, segundo ele, Trogo já tivesse omitido de sua narrativa aquelas histórias que não eram proveitosas¹⁶. Somado a isso, aponta a intenção de que a obra tivesse um caráter didático, não só para aqueles que já estudaram e precisariam do texto apenas para lembrança (*quo admonerentur*) como para os que necessitavam de instrução (*quo instruerentur*). Ademais, ao final do prefácio, desenvolvendo um *tópos* explorado por outros autores, como Quintiliano (*Inst. Or.* 3.1.21), expressa a expectativa da permanência de seu texto: “6. Por isso, basta para mim teu juízo no tempo apropriado: o testemunho do trabalho haverá de ser mantido junto aos pósteros, quando a inveja difamatória tiver cessado.”¹⁷ (*Just., Prae.* 6).

Como Justino alcança a permanência que almejava, ao contrário de Trogo, durante muito tempo, o *Epítome* foi considerado sob um tom acusatório, por se julgar que teria sido responsável pela perda das *Histórias Filípicas*. De acordo com John Yardley (2003, p. 3-4), esse juízo negativo de Justino é, em parte, ocasionado pelo fato de que Trogo teria sido um importante historiador latino, o que acentuaria a relevância da perda:

[...] Sua reputação no mundo antigo era destacada. Ele é nomeado duas vezes na História Augusta em um cânone de quatro grandes historiadores (ao lado de Lívio, Salústio e Tácito: HA *Aurel.* 2.1, *Probus* 2.7); o cânone não é citado para aprovação, mas a presença de Trogo é indicativa de sua posição. E, mesmo não tendo sido citado por eles, Trogo teve uma importante influência nos trabalhos de grandes prosadores das gerações que o seguiram: Veleio Patérculo, Valério Máximo, Quinto Cúrcio e Frontino¹⁸ (YARDLEY, 2003, p. 4).

¹³ Cf. “16. Dali, a guerra é transferida para a Sicília, mas antes que eu a apresente, algumas palavras devem ser ditas sobre a situação da Sicília (*Just., 3.7.16*); “16. *Hinc bellum in Siciliam translatum, quod priusquam expono, de Siciliae situ pauca dicenda sunt.*”

¹⁴ Cf. “11. Considerarei o estilo digno de que eu inserisse seu exemplo na curta extensão desse trabalho; Pompeio Trogo o narrou de modo indireto, porque criticou em Lívio e em Salústio que tenham excedido a medida da história inserindo, em seu trabalho, discursos diretos em vez de seu próprio estilo.” (*Just., 38.3.11*); “11. *Quam orationem dignam duxi cuius exemplum breuitati huius operis insererem; quam obliquam Pompeius Trogus exposuit, quoniam in Lívio et in Sallustio reprehendit quod contiones directas pro sua oratione operi suo inserendo historiae modum excesserint.*”

¹⁵ Cf. “7. [Hípias,] pondo-se a caminho dos persas, apresenta-se a Dario, oferecendo-se como comandante contra a sua pátria na guerra com os atenienses, tal como foi indicado acima.” (*Just., 2.9.7*); “7. *qui profectus in Persas ducem se Dario inferenti Atheniensibus bellum, sicut supra significatum est, aduersus patriam suam offert.*”

¹⁶ “3. E de tudo que os historiadores gregos se ocuparam em separado, conforme o caminho foi apropriado para cada um, Pompeio reuniu esses feitos em tomos divididos pelo tempo e pelo encadeamento dos fatos com omissões aos que eram sem proveito.” (*Just., Prae.* 3); “3. *Et quae historici Graecorum, prout commodum cuique fuit, inter se gratiose occupauerunt, omissis quae sine fructu erant, ea omnia Pompeius diuisa temporibus et serie rerum digesta composuit.*”

¹⁷ “6. *Sufficit enim mihi in tempore iudicium tuum: apud posteros, cum obtreactionis inuidia decesserit, industriae testimonium habituro.*”

¹⁸ “[...] His reputation in the ancient world was high. He is named twice in the *Historia Augusta* in a canon of four great Latin historians (along with Livy, Sallust, and Tacitus; HA *Aurel.* 2.1, *Probus* 2.7); the canon is not cited for approval, but Trogus’

Dada essa posição, tornou-se comum que se considerasse que a narrativa apresentada no *Epítome* fosse aquela de Trogo, enquanto pertenceriam a Justino os erros históricos que ocorrem em determinados pontos, resultado de seu processo supostamente descuidado de abreviação (YARDLEY, 2003, p. 4). Essa visão também favorece o tom diminutivo utilizado em relação ao *Epítome*. Exemplo disso pode ser conferido na apresentação de Jules Pierrot (1862, p. V), embora o autor também indique aqueles que leem Justino conforme o propósito da obra indicado em seu prefácio:

Justino tem sido julgado de maneira diversa. A leitura de seu livro é infrutífera, segundo mais de um crítico, e o abreviador Henault chega a chamar seu antecessor de *uma traça da história, a qual a deixou em pedaços*. Outros, ao contrário, têm agradecido ao nosso historiador por levar seu leitor de século em século, de nação em nação, e por traçar somente um rápido esboço de revoluções e de costumes: eles encontram ao mesmo tempo, em seu projeto, variedade, naturalidade e brilho. Essas contradições são explicadas, como a maioria das discordâncias sobre as produções da mente, pela diferença de pontos de vista e pela preocupação que, por sua vez, esconde de mentes orientadas as falhas ou os méritos de um mesmo trabalho¹⁹ (grifo do autor).

Ainda que se possa afirmar que a obra de Justino teria colaborado para a perda da obra de Trogo, também há a possibilidade de que ela tenha contribuído, ao contrário, para sua preservação em alguma medida, já que a outra obra do autor – *Sobre os animais*²⁰ –, apesar de ter desfrutado de alguma popularidade, se perdeu quase inteiramente, restando apenas certas referências em Plínio, o Velho (CASTRO SÁNCHEZ, 2008, p. 19). Mesmo a permanência de Justino, assim como ocorreu com diversos textos, provavelmente resulta do acaso, em detrimento da matéria narrada, fruto do engano que seu nome gerou, fazendo com que se acreditasse que o texto teria sido escrito por Justino, o Mártir (ARNAUD-LINDET, 2003, n.p.), fato que pode ter favorecido a popularidade de seu texto durante a Idade Média, a qual é atestada pelos mais de duzentos manuscritos em diferentes estados que chegaram até a atualidade (YARDLEY, 2003, p. 3).

appearance within it is indicative of his standing. And while not mentioned by them, Trogus was clearly a great influence on the works of the major prose authors of the generations following his own: Velleius Paterculus, Valerius Maximus, Quintus Curtius, and Frontinus."

¹⁹ "Justin a été très-diversément jugé. La lecture de son livre est sans fruit, selon plus d'un critique, et l'abreviateur Henault va même jusqu'à traiter son devancier de ver rongeur de l'histoire, qui n'en a laissé que les lambeaux. D'autres, au contraire, ont su gré à notre historien de promener son lecteur de siècle en siècle, de nation en nation, et de tracer seulement une esquisse rapide des révolutions et des moeurs: ils trouvent à la fois, dans son ébauche, de la variété, du naturel et de l'éclat. Ces contradictions s'expliquent, comme la plupart des dissentiments sur les productions de l'esprit, par la différence des points de vue, et par la préoccupation qui cache tour à tour à des esprits prévenus ou les défauts ou les mérites d'un même ouvrage."

²⁰ *De animalibus*.

Considerações finais

Conforme apresenta Jan Stronk (2018, p. XXVII-XXVIII), é provável que a obra de Justino se localize no meio do caminho entre uma obra puramente abreviada e uma original, já que o prefácio aponta para a derivação a partir de Pompeio Trogo, todavia, a esperança de um julgamento futuro estaria ligada a seu próprio trabalho, na medida em que ele não só omite trechos do texto de Trogo, mas também acrescenta suas próprias considerações. A visão do *Epítome* como tendo importância secundária ou como mera fonte para que se tente encontrar o suposto texto de Trogo contribuiu para que outros aspectos da construção da obra, como questões intertextuais, fossem também, de certo modo, deixados em segundo plano. Felizmente, estudos contemporâneos, tais como os de Yardley (2003) e Elliott (2018), têm permitido um novo olhar sobre a obra de Justino e alterado o panorama de sua recepção.

GENRE AND AUTHORSHIP IN THE PREFACE OF *EPITOME OF THE PHILIPPIC HISTORY OF POMPEIUS TROGUS*

ABSTRACT: The abbreviation of works was a practice that crossed the ancient Greek and Latin world, meeting different needs. However, the reception of the texts produced by this practice has varied, since, for a long time, it was considered that they have a secondary importance in comparison with the ones that served as a source, which are often lost. From reading the preface of *Epítome of the Philippic History of Pompeius Trogus*, we propose considerations about its configuration as an abbreviation and its consequences for the identification of Justinus' work as authorial.

KEYWORDS: authorship; epitome; Justinus; *Philippic History*; Pompeius Trogus.

REFERÊNCIAS

ARNAUD-LINDET, M.-P. Introduction. In: JUSTINUS, M. J. *Abrégé des Histoires Philippiques de Trogue Pompée*. Tradução para o francês, notas e texto estabelecido por Marie-Pierre Arnaud-Lindet. 2003. Disponível em: <http://www.forumromanum.org/literature/justin/introduction.html> Acesso em: 16 set. 2014.

BORGNA, A. Uno sguardo originale intorno a Roma: Pompeo Trogo e Giustino. *La Biblioteca di CC*, v. 1, p. 52-77, 2014. Disponível em: <https://www.classicocontemporaneo.eu/PDF/116.pdf>. Acesso em: 14 dez. 2020.

CARY, M. *et al.* *The Oxford Classical Dictionary*. Oxford: Clarendon, 1953.

CASTRO SÁNCHEZ, J. Introducción. In: JUSTINO; POMPEYO TROGO. *Epítome de las "Histórias Filípicas" de Pompeyo Trogo, Prólogos, Fragmentos*. Introdução, tradução para o espanhol e notas de José Castro Sánchez. Madrid: Gredos, 2008.

ELLIOTT, J. Authorship and authority in the Preface to Justin's Epitome of Trogus' *Philippic Histories*. In: GUZMÁN, A.; MARTÍNEZ GARCÍA, F. J. (ed.). *Animo Decipiendi?: rethinking fakes and authorship in Classical, Late Antique and Early Christian Works*. Elden: Barkhuis, 2018. p. 109-23. Disponível em: www.jstor.org/stable/j.ctv9g27t.10. Acesso em: 19 dez. 2020.

GENETTE, G. *Palimpsestos: a literatura de segunda mão*. Extratos traduzidos do francês por Cibele Braga, Erika Viviane Costa Vieira, Luciene Guimarães, Maria Antônia Ramos Coutinho, Mariana Mendes Arruda e Miriam Vieira. Belo Horizonte: Viva Voz, 2010 [1982].

HORSTER, M.; REITZ, C. “Condensation” of literature and the pragmatics of literary production. In: HORSTER, M.; REITZ, C. (ed.). *Condensing texts – Condensed texts*. Palingensia 98. Stuttgart: Franz Steiner Verlag, 2010. p. 3-14. Disponível em: https://www.steiner-verlag.de/uploads/tx_crondavtitel/datei-datei/9783515093958_p.pdf. Acesso em: 15 abr. 2021.

JERÔNIMO. Comentário a Daniel. In: MALUF, L. C. *Daniel no antro das ninfas: um estudo sobre o desafio de Porfírio ao status profético das revelações daniélicas e sobre a réplica de Jerônimo*. 2009. 164f. Dissertação (Mestrado em História Cultural) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade de Brasília, Brasília, 2009. Disponível em: https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/4250/1/2009_LilianChavesMaluf.pdf. Acesso em: 14 dez. 2020.

JUSTINUS, M. J. *Abrégé des Histoires Philippiques de Trogue Pompée*. Tradução para o francês, notas e texto estabelecido por Marie-Pierre Arnaud-Lindet. 2003. Disponível em: <http://www.forumromanum.org/literature/justin/index.html>. Acesso em: 05 jun. 2014.

PIERROT, J. Avertissement de la Première Édition. In: JUSTINO, M. J. *Oeuvres complètes de Justin: Abrégé de L’Histoire Universelle de Trogue Pompée*. Tradução para o francês de Jules Pierrot e E. Boitard. Paris: Librairie Garnier Frères, 1862. p. V-XI. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k3068749c/f20.item>. Acesso em: 15 jan. 2021.

PRATA, P. Intertextualidade e literatura latina: pressupostos teóricos e geração de sentidos. *Phaos*, Campinas, v. 17, n. 1, p. 125-54, jan./jun. 2017. Disponível em: <https://revistas.iel.unicamp.br/index.php/phaos/article/view/5753/5989>. Acesso em: 11 mar. 2021.

STRONK, J. P. Real Epitome or a Cuckoo’s Egg? (on B. Mineo, ed., Justin: *Abrégé des Histoires Philippiques de Trogue Pompée*. Tome I: Livres I–X. Texte établi, traduit et commenté par Bernard Mineo, notes historiques de Giuseppe Zecchini). *Histos*, n. 12, p. XXIII–XXVIII, mar. 2018. Disponível em: <https://histos.org/documents/2018RR05StronkonMineo.pdf>. Acesso em: 29 jan. 2021.

VASCONCELLOS, Paulo Sérgio de. A intertextualidade nos estudos clássicos. *Revista da Anpoll*, v. 6/7, p. 81-7, 1999. Disponível em: <http://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/325/337>. Acesso em: 11 mar. 2021.

WATSON, J. S. Notice of life and writings of Justin. In: WATSON, J. S. *Justin, Cornelius Nepos and Eutropius*. Tradução para o inglês, introdução e notas de John S. Watson. Londres: Henry G. Bohn, York Street, Convent Garden, 1876. p. V-VIII. Disponível em: <http://www.forumromanum.org/literature/justin/english/introduction.html>. Acesso em: 16 set. 2014.

YARDLEY, J. C. The literary background to Justin / Trogus. *The Ancient History Bulletin*, v. 8, n. 2, p. 60-70, 1994. Disponível em: <https://ancienthistorybulletin.org/downloads/j-c-yardley-the-literary-background-to-justin-trogus-volume-8-pg-60-70/>. Acesso em: 06 maio 2021.

_____. Introduction. In: JUSTIN. *Epitome of the Philippic History of Pompeius Trogus: books 11–12 – Alexander the Great*. Tradução para o inglês e notas de John C. Yardley e comentários de Waldemar Heckel. Oxford: Clarendon, 1997. p. 1-42.

YARDLEY, J. C. *Justin and Pompeius Trogus: a study of the language of Justin's Epítome of Trogus*. Toronto: University of Toronto Press, 2003.

Recebido em: 25/10/2021.

Aprovado em: 14/12/2021.